merece o autor de **Origem do latifúndio no Brasil** por reconhecermos o seu esfôrço de síntese e a abordagem histórica de um assunto tão atual. Apenas achamos ser a síntese perigosa em História. Um trabalho monográfico deve ser bem analisado, documentado e pesquisado e raramente um trabalho de 50 páginas pode preencher as exigências da moderna historiografia.

Preferimos ficar com o primeiro objetivo da coleção, isto é, divulgação de documentos históricos. As monografias superficiais devem ser evitadas. Esperamos muito dos próximos lançamentos anunciados. A coleção deve ser prestigiada.

JOSÉ RIBEIRO JÚNIOR

*
* *

BARBOSA (Waldemar de Almeida). — **A verdade sôbre Tiradentes.** Belo Horizonte, Instituto de História, Letras e Arte, s. d. 180 págs.

Sem nenhuma indicação de data, nem na página de rosto, nem no prefácio, nem no colofão, o que constitui, sem dúvida, grave inconveniente do ponto de vista bibliográfico, o presente volume editado pelo Instituto de História, Letras e Arte de Belo Horizonte deve datar de 1965 ou quando muito 1964. Seu autor pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e o livro vem paraninfado por dois nomes respeitáveis da historiografia brasileira: Augusto de Lima Júnior, que escreveu o prefácio, e João Camilo de Oliveira Tôrres, que escreveu a nota para as orelhas da capa. Com tal patrocínio, o livro não poderia deixar de nos interessar, tanto mais que os dois paraninfos não regateiam louvores à obra. O prefaciador chega a considerá-la "o primeiro estudo de crítica histórica que se publica no Brasil", e não tem duvidas em apresentar o autor como pertencente "a êsse pequeno mas intrépido grupo de historiadores que vêm descascando a História do Brasil dos fantasiosos estuques que a recobrem", e que, com êste livro "não deixou brecha que não esmiuçasse e colocasse a verdade em seu lugar". Por fim, saúda "o historiador mineiro que estabelece a crítica histórica no Brasil e o faz com brilho excepcional". Palavras de grande responsabilidade, como o leitor fàcilmente percebe...

Já o ilustre autor de **Democracia coroada** é menos incisivo e menos entusiasta. Para êle, trata-se de "um livro polêmico, apaixonado" sôbre o caso Tiradentes, no qual, "se nem tôdas as conclusões serão admitidas pacificamente", o autor soube, contudo, fixar bem a estatura humana do Tiradentes e a sua digna e nobre figura de revolucionário. Afinal, seria de lastimar se tôdas as qualidades que Augusto de Lima Junior aponta para o volume que inaugura a crítica histórica no Brasil, primeiro estudo de crítica que se publica entre nós e outras coisas que tais, servisse apenas para refutar alguns eqüí-

vocos e erros de Joaquim Norberto na sua velha **História da Conjuração Mineira**. Seria o caso de indagar-se se um livro que "decompõe, linha por linha, os erros, as distorções da verdade, os enxertos arbitrários e venenosos com o fim de apagar a figura excepcional do alferes Joaquim José, ou as fugas subtis pelas quais pretendeu transformar o movimento espiritual do século XVIII em sedição de contrabandistas de ouro" bastaria para consagrar o autor como "um dos mais abalizados historiadores de nossos tempos".

E' sabido que Augusto de Lima Júnior, que já produziu um excelente livro sôbre a capitania das Minas Gerais, de grande interêsse para a história social, tem um gôsto acentuado pela polêmica, como o provam seus últimos escritos sôbre Tiradentes e sôbre o Aleijadinho. Volta-se êle, mais de uma vez contra os "falsificadores contumazes da História, fabricantes de versões acomodadas às suas conveniências pessoais" que vinham escondendo a Inconfidência mineira. E começa, no próprio prefácio, lembrando a efígie do Tiradentes "nonagenário e barbado", quando o alfere morreu tendo apenas quarenta e seis anos. Para o autor de **A Capitania das Minas Gerais**, Tiradentes "era uma dessas inteligências raras, um dêsses gênios que não pertencem a uma família ou a uma raça, mas à humanidade". Nestas condições, o prefaciador predispõe o leitor à leitura do livro com uma atitude de espírito que não é a mais vantajosa para tirar dêle o que êle possa ter de bom.

Se a "verdade sôbre Tiradentes" consiste apenas em refutar a Joaquim Norberto, parece-nos bem pouco, pois o assunto daria margem a estudo mais profundo, em que a preocupação não fôsse apenas a de destruir o que alguém escreveu, mas, principalmente, colocar alguma cousa no lugar do que foi destruído. E quando a êste objetivo é que o livro do sr. Almeida Barbosa não nos satisfaz. O autor revela conhecimento das fontes relativas ao movimento mineiro, mas tais fontes são utilizadas sempre em tom de polêmica apaixonada (é o outro paraninfo quem o diz) com o objetivo de destruir a obra de Joaquim Norberto, que é evidentemente bastante falha, por ter faltado ao seu autor o conhecimento de fontes mais seguras e talvez menos suspeitas. O caso é que a influência de seu livro foi grande, como o demonstra o autor do presente ensaio ao arrolar todos os que se abeberaram no escritor fluminense e que são, entre outros, Pedro Calmon, Prado Ribeiro, Martim Francisco (o terceiro), João Ribeiro, Ronald de Carvalho, Eduardo Frieiro, Gilberto de Alencar e o próprio Oliveira Tôrres, um dos paraninfos do livro em questão. Por fim, volta-se o autor contra Assim Cintra (nunca ninguém negou suas deficiências...) e contra o cronista pernambucano José Domingues Codeceira, autor de um livro sôbre a prioridade de Pernambuco na idéia republicana no Brasil. Para o nosso autor mineiro, Codeceira combateu Tiradentes por ser mineiro, não aceitando que a idéia republicana tivesse outro berço que não fôsse Pernambuco... Até quando nossa História gravitará em tôrno destas reinvindicações estaduais? Será que os movimentos pernambucanos não completam os mineiros, ou vice-versa? Não haverá no panorama de nossa evolução histórica

lugar para tôdas essas manifestações regionais, já que regional foi o sentido impresso à nossa história desde o seu início?

A Inconfidência mineira é um dos poucos movimentos de idéias existentes no Brasil. Como tal, deve ser compreendida no contexto de um quadro mais amplo, refletindo a influência da filosofia política do século XVIII ou o exemplo das colônias inglêsas da América do Norte. Todavia, não é fácil deduzir dos documentos que nos ficaram, um pensamento político definido, e a própria idéia de república não aparece nele muito claramente, com o têm demonstrado diversos autores. Mas, merece estudo e consideração. Agora, reduzí-lo a uma simples questão pró ou contra Tiradentes, não nos parece inteligente, nem conveniente. Fique tranquilo o sr. Waldemar de Almeida Barbosa. Ninguém pretende atualmente tirar o simpático alferes, provàvelmente sem barba, do lugar que há muito ocupa não apenas na História, mas igualmente no coração dos brasileiros. Se em outras ocasiões houve quem pretendesse denegrí-lo (e o autor cita vários exemplos), tais emprêsas denegridoras não produziram nenhum resultado, e o mais que se obteve (e não foi pouco) de tôda uma avalanche de livros e artigos que se escreveram sôbre o assunto, foi talvez dar à sua figura um sentido mais humano e menos heroico, e por isso mesmo mais próximo de nós. Mas, não vamos agora para o extremo oposto e fazer dêle o que êle não foi, dar à sua imagem o caráter épico, glorioso, heroico e lendário que não teve. Dessa maneira êle se afastará cada vez mais de nós.

Por aí se vê que as armas de que Augusto de Lima Júnior procurou dotar o autor do presente ensaio foram exageradas. Para produzir refutações ao que Joaquim Norberto e outros escreveram, não haveria necessidade de compor-se a obra de crítica histórica mais importante já aparecida no Brasil... Deixemos essa obra para cousa de maior interêsse. E são tantos os assuntos, em nossa História, que estão à espera, não da obra de crítica mais importante, que isto é tolice, mas de uma compreensão mais racional e inteligente por parte dos exegetas da História, justamente aquêles que poderão expurgá-la de ninharias ou de fatos destituidos de significação ou de significação exagerada. O autor mineiro destruiu Joaquim Norberto. Deve ter ficado feliz. Mas o que edificou em seu lugar? Que trouxe de nôvo para a compreensão não do caso-Tiradentes, mas do caso-Inconfidência, que êste é o que mais interessa, e que não tenha sido ainda tratado por outros autores? Nada mais caro aos mineiros do que a Inconfidência, como nada mais caro aos gauchos do que a Farroupilha, aos pernambucanos do que a insurreição que expulsou os holandeses, ou aos paulistas do que o bandeirismo. Certo. Ninguém mais indicado, pois, do que os autores mineiros para consagrar suas pesquisas ao simpático movimento idealista de fins do século XVIII, o qual, justamente pelo caráter idealista, merece a atenção de todos os que se interessam pela história das idéias no Brasil. Mas êle dever ser enquadrado num contexto mais amplo, qual o da civilização mineira da segunda metade do século XVIII, com tôdas as suas implicações de

ordem econômica, social e cultural. E, principalmente, não se deve procurar nele o que êle não teve e nem pretendeu ter.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*
* *

COLEÇÃO NOUVELLE CLIO: L'HISTOIRE ET SES PROBLÈMES. Dirigida por Robert Boutruche e Paul Lemerle. Presses Universitaires de France. Paris.

Godechot (Jasques). — **Les Révolutions 1770-1799**. Paris, 1963. (Nouvelle Clio, vol. 36).

Mauro (Fréderic). — **L'Expansion européenne 1600-1870.** Paris, 1964. (Nouvelle Clio, vol. 27).

Duroselle (J.-B.). — **L'Europe de 1815 à nos jours: vie politique et relations internationales.** Paris, 1964. (Nouvelle Clio, vol. 38).

Fohlen (Claude). — **L'Amérique anglo-saxonne de 1815 ànos jours.** Paris, 1965. (Nouvelle Clio, vol. 43).

Delumeau (Jean). — **Naissance et affirmation de la Réforme.** Paris, 1965. (Nouvelle Clio, vol. 30).

Com a publicação dêstes volumes vai-se constituindo a coleção **Nouvelle Clio** (dirigida por Robert Boutruche e Paul Lemerle), na parte de história moderna e contemporânea; é a herdeira ou antes a sucedânea da antiga **Clio** que tantos serviços prestou aos estudiosos de história. Entre ambas situa-se tôda uma renovação dos estudos históricos, e a nova coleção reflete decididamente as mais recentes tendências da historiografia contemporânea. A primeira coleção intitulava-se **Clio: introduction aux études historiques,** a **Nouvelle Clio** traz o subtítulo: **L'histoire et ses problèmes.**

Como manuais de nível superior para estudantes e professôres, o que se pode dizer é que são magistrais êstes livros. Cada volume divide-se necessàriamente em três partes: 1) descrição das fontes e bibliografia sistemàticamente classificada; 2) síntese da matéria, dando um balanço do estado atual dos conhecimentos; 3) problemas: orientações e debates da historiografia contemporânea referente ao período e tema em questão. O leitor fica pois armado de um mínimo de informação básica, criteriosamente elaborada, seja para cursos, seja para pesquisas futuras; a partir dessa base, e orientado pela descrição ordenada das fontes arquivais e das coleções de documentação impressa e pela bibliografia classificada, — pode por sua conta retomar e aprofundar a problemática exposta na 3a. parte. Como se vê, dificilmente uma coleção, com as finalidades de fornecer os instrumentos de trabalho aos professôres e pesquisadores, podia ser mais feliz no seu planejamento.

A execução do projeto tem sido confiada a especialistas altamente credenciados. Frédéric Mauro, autor de **Le Portugal et l'Atlantique au XVII siècle** (Paris, 1960), é indiscutivelmente uma das maiores au-